

## Estágio supervisionado II na formação do enfermeiro profissional

---

**Warlandete Buglione Beck**

*Enfermeira Especialista em Administração dos Serviços em Enfermagem  
Mestre em Docência Universitária Enfermeira Assistencial do Serviço de Métodos Gráficos HUSM/UFSM*

DOI: 10.47573/aya.5379.2.55.22

## RESUMO

Durante o curso de graduação em enfermagem o estudante vivencia a vida profissional nos estágios supervisionados, contando com professores e enfermeiros assistenciais das unidades do estágio, onde adquirem experiência do cotidiano da prática profissional através do contato direto com a realidade de saúde da população. Esse estudo descreve a dissertação de mestrado Estágio Supervisionado II na Formação do Enfermeiro Profissional (2016). O estudo teve como objetivo geral identificar se os acadêmicos de enfermagem do Estágio Supervisionado II (ES II) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Rio Grande do Sul (RS), reconhecem a integração dos conteúdos teóricos com as práticas profissionais no campo de estágio e as possíveis dificuldades relacionadas ao processo de formação profissional enfrentadas no ES II. Tratou-se de pesquisa de campo, descritiva, com abordagem qualitativa. A coleta dos dados foi obtida através de entrevistas semiestruturadas com 10 estudantes do 8º semestre do curso de enfermagem da UFSM. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo. O estudo demonstrou que os acadêmicos exercem práticas de enfermagem assistenciais, mas ainda se sentem despreparados quanto às atividades mais voltadas para o gerenciamento em enfermagem.

**Palavras-chave:** estágio supervisionado. formação do enfermeiro. ensino-aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

O estudo teve como eixo central o Estágio Supervisionado II (ES II) da UFSM-RS, desenvolvido no 8º semestre do curso de graduação em enfermagem, sendo este uma oportunidade para o acadêmico atuar com uma equipe multiprofissional: enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, médicos, entre outros. O ES II proporciona ao aluno uma vivência maior do cotidiano da profissão, possibilitando uma ampla visão da prática profissional, além de dinamizar a execução de procedimentos técnicos, nem sempre possíveis de serem executados durante outros estágios, devido à dinâmica própria do serviço.

De acordo com a Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) 299/2005, o estágio curricular supervisionado é definido como atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas aos estudantes de graduação pela participação em situações reais de vida e de trabalho do seu meio, sob a responsabilidade e coordenação de uma instituição de ensino (COFEN, 2005).

Os estágios curriculares são mecanismos para aquisição de conhecimentos fora da sala de aula, além da aproximação com o exercício de sua futura profissão. Trata-se do momento em que o aluno tem a oportunidade de tomada de decisões, aplicação das técnicas aprendidas e vivência das facilidades e dificuldades cotidianas do profissional de Enfermagem. Para Costa e Germano (2007), o Estágio Curricular Supervisionado contribui de forma significativa na formação profissional, uma vez que proporciona ao estudante entrar em contato direto com a realidade de saúde da população e, dessa forma, possibilita crescimento pessoal e profissional do acadêmico.

O estudo buscou as percepções dos acadêmicos do curso de graduação de enfermagem da UFSM em relação a integração dos conteúdos teóricos com as práticas desenvolvidas no campo de estágio e investigou as possíveis dificuldades relacionadas ao processo de formação profissional enfrentadas no ES II e como os acadêmicos de enfermagem do ES II percebem o papel do enfermeiro supervisor na aprendizagem das competências gerenciais necessárias à

sua formação.

Justificou-se pelo fato de o processo de formação de um profissional envolver uma infinidade de variáveis que vão desde o marco conceitual de um curso de formação acadêmica até fatores inerentes ao aluno, ao professor, ao supervisor e à relação que se estabelece entre eles. O processo de formação de enfermeiros se constitui em um grande desafio, pois deve formar profissionais com competência técnica, visão política, raciocínio lógico, sensibilidade, postura ética, entre outros, capacitando-os para intervir em diferentes contextos.

Para Merhy (2006), é no cotidiano dos trabalhos e na coletivização da gestão dos serviços, que acontece a orientação acadêmica, visando à construção de um vínculo efetivo entre o supervisor e os alunos. Assim pode-se identificar e resolver os problemas surgidos no dia a dia, construindo um novo proceder no gerenciamento em saúde. A busca pela elucidação das dificuldades no processo de formação profissional poderá proporcionar alternativas facilitadoras deste processo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Um breve histórico sobre o saber da enfermagem

Segundo os autores Sampaio (2011), Zorzi (2008) e Vianna (2005), nos primórdios, os cuidados aos doentes eram prestados por feiticeiros e sacerdotes e as doenças eram consideradas castigos de Deus. Na Época Feudal, os cuidados passaram a ser prestados por mulheres abnegadas em hospitais improvisados sem recursos e higiene. No Renascimento, o homem passou a conhecer melhor o corpo humano, suas funções e doenças. Apenas no século XVIII, com a Revolução Industrial e a sociedade capitalista, surgiu a primeira escola fundada por Florence Nightingale, que serviu de modelo para todas as outras escolas.

No Brasil, em 1923, foi fundada, no Rio de Janeiro, a Escola de Enfermagem Ana Nery. Em 1962, o COFEN definiu o primeiro currículo mínimo para os cursos de Enfermagem, e em 2005 estabeleceu a obrigatoriedade do estágio supervisionado. No ano de 1988, com a nova Constituição da República Federativa do Brasil e a criação do SUS (Sistema Único de Saúde), surgiu a necessidade de aproximar os futuros profissionais de Enfermagem das reais demandas de saúde da população e a prestação do cuidado integral tornou-se fundamental.

Com a nova realidade do SUS e as premissas expressas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), conforme Fernandes *et al.* (2005), foram necessárias mudanças nos padrões curriculares e a reestruturação de todos os cursos superiores, orientadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN).

No que se refere à saúde, essa lei permitiu a concretização, em 07/08/2001, do Parecer 1.133 do Conselho Nacional de Educação e Conselho Nacional de Saúde (CNE/CNS), que reforçou a necessidade de articulação entre educação superior e saúde. Após esse parecer, em dezembro de 2011, foi homologada a Resolução nº 03 de 07/11/2001, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Enfermagem (DCENF).

Lopes Neto *et al.* (2008) reconhecem que as DCENF devem ser propostas norteadoras para a elaboração do Projeto Pedagógico de Curso (PPC), além de assegurarem a aprendizagem focada no aluno e no conceito ampliado de saúde, na articulação teórico prática, na interação

aluno-professor, nas mudanças no processo avaliativo e metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Além disso, as DCENF preconizam que todo curso deve oferecer ao aluno formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, além de propiciar o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao exercício da profissão.

## Ensino e trabalho em enfermagem: dissonância de saberes

Almeida & Rocha (1986) afirmam que a prática de enfermagem que passou a ser desenvolvida na escola iniciou a divisão entre ensino e trabalho (prática), existindo, ainda, barreiras entre os que ensinam a prática e os que a praticam. O ensino seria o detentor do saber, enquanto a prática, considerada um trabalho manual desqualificado. Os autores complementam que:

O ensino é caracterizado como um paradigma do saber, esquecendo-se que é no trabalho que se devem buscar os elementos do saber. É no desenrolar do cuidado de enfermagem, em que se opera diretamente com o objeto, o doente, onde se dão as relações técnicas e sociais, que está a essência do saber. (ALMEIDA & ROCHA, 1986, p. 81)

Na área da saúde, a realidade vivida mostra que existe grande dificuldade no processo ensino-aprendizagem das matérias básicas, vistas em manuais ou mesmo em cadáver, sem pulsação, sem estímulos dolorosos e, conseqüentemente, sem respostas ao tato dos alunos. Tornam-se, portanto, fundamentais a vivência, a experimentação, o contato com a realidade, com as surpresas ou situações inesperadas que não estão descritas nos livros e teorias.

## As leis regulamentadoras do exercício da enfermagem

Um grande avanço para o desenvolvimento da categoria profissional foi a promulgação da lei do exercício profissional, em 1986, decorrente da ação conjunta entre a União, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e os Conselhos Regionais de Enfermagem. A aprovação da Lei 7.498, de 25 de junho de 1986, atualizou o exercício profissional da enfermagem, e o Decreto 94.406, de 8 de junho de 1987, regulamentou esta lei. Os artigos 10 e 11 versam sobre atribuições do enfermeiro.

Grandes avanços foram conquistados com essa lei. A delimitação das atribuições das categorias que compõe a equipe de enfermagem e a delimitação do campo de ação dos profissionais enfermeiros, impulsionando-os para a apropriação das funções que lhes foram atribuídas, são exemplos disso.

Para Andrade (2007), o reconhecimento da importância do processo está evidenciado em artigos recentes, que salientam a aplicação de uma assistência de enfermagem sistematizada, que é a única possibilidade de o enfermeiro conquistar sua autonomia profissional. As décadas de 1980 e 1990 caracterizaram-se pelos avanços na metodologia da assistência de enfermagem, com a elaboração da taxonomia da North American Nurses Diagnosis Association (NANDA) e a Classificação Internacional da Prática de Enfermagem (CIPE), entre outras, além dos esforços da ABEn para o desenvolvimento e a validação da Classificação Internacional da Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESC), taxonomia com importante contribuição brasileira.

## O desenvolvimento de competências e habilidades durante o estágio supervisionado

O trabalho de enfermagem lida com o ser humano, integrando a prestação de serviços em saúde. Para Zarifian (2001), o profissional enfermeiro, inserido no trabalho em saúde, deve ser crítico-criativo e consciente de suas responsabilidades éticas e políticas, desenvolvendo uma postura inovadora. Para isso, o acadêmico de enfermagem, durante o estágio supervisionado, é avaliado criteriosamente quanto às competências necessárias para a realização do trabalho.

Não basta o saber e o saber-fazer, há necessidade do querer fazer, fator preponderante na definição da práxis do futuro profissional, mas o importante é o saber teórico associado às experiências adquiridas com o estágio supervisionado, esses geram habilidades, ou seja, o saber-fazer (MEDEIROS, STÉDILE e CLAUS, 2001). Conforme Ruthes (2007), a tendência nas organizações de saúde é a busca por profissionais com o maior número de competências para o desempenho do serviço. Dessa forma, o enfermeiro deve ser impulsionado o mais precocemente, ou seja, durante o estágio, e não após a sua formação, a desenvolver competências e, conseqüentemente, se qualificar para o mundo do trabalho.

De acordo com Peres e Ciampone (2006), para exercer a profissão de enfermagem, o enfermeiro deve desenvolver as seguintes competências gerais: atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente, descritas brevemente a seguir.

Atenção à saúde - O planejamento, a organização, a coordenação e o controle do processo de trabalho são necessários para uma assistência qualificada em saúde, assim a atenção à saúde não se constitui diretamente como objeto de trabalho desenvolvido pela gerência, mas pode ser entendida como finalidade indireta do trabalho gerencial em saúde (PERES e CIAMPONE, 2006). Peres e Ciampone (2006) acreditam que o desenvolvimento das competências do enfermeiro deve estar associado à aquisição de habilidades, para que o profissional possa identificar e acessar informações primordiais a atenção à saúde, assegurando a qualidade da assistência integral do sistema de saúde.

Tomada de decisão - Uma das competências almejadas pelo acadêmico de enfermagem é a tomada de decisão, de acordo com as DCNs (PERES e CIAMPONE, 2006). A "tomada de iniciativa" e "assumir responsabilidades" pelo profissional, é ter responsabilidade e iniciativa de modificar algo que existe, quando necessário, aplicando ideias e estratégias, objetivando sempre a melhoria do serviço dispensado (ZARIFIAN, 2001).

Comunicação - O enfermeiro deve ter habilidades de comunicação verbal, não verbal, de escrita e leitura. E conforme as DCNs, todos os profissionais de saúde em formação, devem ser acessíveis e manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral (BRASIL, 2001). Para o desenvolvimento da comunicação deve-se adquirir o conhecimento do próprio estilo de interação, aprender a administrar conflitos, a negociar, a escutar ativamente, a conhecer e compreender as normas e padrões de comunicação organizacional, os sistemas de informação, o trabalho em equipe, a metodologia da assistência, o poder e a cultura organizacional, tornando, dessa forma, as equipes de trabalho mais participativas e descentralizadas (PERES e CIAMPONE, 2006).

Liderança - Para Santos e Castro (2010) as dimensões da liderança são: iniciativa, investigação, posicionamento, solução de conflitos e crítica. Para ser líder é necessário ter empatia, responsabilidade, compromisso, comunicação, gerenciamento e habilidade para tomada de decisões. A liderança em enfermagem pode ser entendida como um desafio no sentido de compartilhar ideias, esforços e recursos para a satisfação de clientes e profissionais, sendo desejada a integração entre o papel de liderança e o exercício da função de gerência pelo enfermeiro, tendo em vista sua influência no cumprimento de normas e rotinas, na previsão e provisão de recursos materiais e ambientais (SANTOS e CASTRO, 2010).

Administração e gerenciamento - Segundo Peres e Ciampone (2006), planejar, tomar decisões, interagir e gerir pessoas são requisitos indispensáveis para o desenvolvimento da competência de administrar e gerenciar. Nas funções administrativas destacam-se o planejamento, a organização, a coordenação, a direção e o controle dos serviços de saúde, além disso, é importante o conhecimento específico da área social/econômica, pois permitem ao gerente acionar dados e informações do contexto macro e micro-organizacional, e analisá-los de modo a subsidiar a gestão de recursos humanos, materiais, físicos e financeiros.

Educação permanente - A obtenção de competências e habilidades deverá ser um processo permanente e contínuo na vida profissional, permitindo que os profissionais da enfermagem atuem de acordo com o contexto epidemiológico e com as necessidades apontadas pelos cenários de saúde, educação e trabalho (MANCIA, CABRAL e KOERICH, 2004). Para que os acadêmicos de enfermagem assumam responsabilidades por sua educação permanente, devem ser estimulados durante a graduação, mediante os problemas enfrentados na realidade, conquistando mudanças de atitudes, decorrentes das experiências vividas por meio da relação com os outros, com o meio e com o trabalho. Assim, a graduação é apenas o início do aprendizado que deverá ser desenvolvido ao longo da vida, para a obtenção de uma transformação pessoal, profissional e social (NUNES, PEREIRA, ALVES e LELE, 2008).

## **O estágio supervisionado como instrumento fortalecedor do acadêmico de enfermagem inserido nos serviços de saúde**

A realização do ES é obrigatória em hospitais, ambulatórios, redes básicas de serviços de saúde e comunidade no currículo da graduação em enfermagem. De acordo com as DCNs do curso de graduação em enfermagem, o estágio deve ter carga horária mínima de 20% da carga horária total do curso de graduação em enfermagem e ser realizado nos dois últimos semestres do curso, com a obrigatoriedade da participação efetiva dos enfermeiros dos serviços em que se desenvolverá o estágio. Considerando a carga horária mínima de 20% da carga horária total, a carga horária mínima para o ES é de 800 horas (BRASIL, 2001).

O estágio é fundamental para que o acadêmico se autoavalie no desempenho das suas atividades e quanto à conquista de suas competências gerais, como a observação, pesquisa, imaginação, comunicação, dinamicidade, flexibilidade e tomada de decisão (REIBNITZ e PRADO, 2006). Com o conteúdo teórico adquirido em toda a graduação, durante o ES, o acadêmico de enfermagem deve ter uma visão diferenciada do campo de trabalho e desenvolver atividades inerentes ao exercício profissional da enfermagem (BRASIL, 2001).



## A individualidade prática do acadêmico de enfermagem no estágio supervisionado

O estágio supervisionado desenvolve no acadêmico de enfermagem habilidades e competências necessárias à sua formação, como aperfeiçoamento da autonomia, responsabilidade, liberdade, criatividade, compromisso, domínio da prática e clareza do seu papel social. Essas competências vão se desenvolvendo de acordo com a individualidade, o coletivo e a organização do serviço no qual está inserido (COLLISELLI *et al.*, 2009). O processo reflexivo, individual e em grupo, do acadêmico de enfermagem em campo de estágio, é feito mediante a presença atuante do professor/supervisor de orientação para a busca de informações qualificadas, com o objetivo de compreender a realidade e realizar ações fundamentadas nas informações direcionadas pelo professor/supervisor (PARANHOS e MENDES, 2010).

## A singularidade da relação teoria e prática em campo de estágio

Os espaços utilizados pelos alunos e enfermeiros supervisores de estágio para desenvolvimento dos conteúdos teóricos são os serviços onde se realizam ações de saúde, transformando o que antes era teórico, fundamentado em literaturas, em algo prático, demonstrável e de fácil assimilação, levando em consideração o contexto em que a prática está inserida. Para Zarpellon (2006, p. 26) “A enfermagem vivencia de maneira singular a relação da teoria e da prática, resultando em processos parciais, fragmentados e abstraídos de um contexto”.

Para o desenvolvimento de competências Perrenoud (2008) aponta cinco situações: ação por si só, que através de ajustes sucessivos e por adaptação progressiva de comportamentos, chegam às competências. A combinação de ação e reflexão sobre a ação, promovendo um questionamento em relação à situação e à ação produzida. A reflexão retrospectiva sobre a ação, analisando o processo e seus resultados. A reflexão sobre possíveis mudanças na ação, desenvolvendo o exercício do pensamento sobre os atos. E por último, a aquisição de saber teórico associado a integração e assimilação de novos saberes. Logo o enfermeiro professor/supervisor de estágio, deve promover uma reflexão sistemática e contínua da sua prática.

Diante das competências pedagógicas que auxiliam na formação do enfermeiro educador, percebe-se como é decisiva a atuação do docente ao longo da graduação na construção dos conhecimentos, através de uma didática que aborde e possibilite ações crítico-reflexivas na assistência em saúde (RODRIGUES e ZANETTI, 2000).

Shön (2000) ressalta que, no momento do planejamento das ações a serem desenvolvidas no campo de estágio sempre surgirão novas reflexões e conhecimentos, resultando no crescimento acadêmico. Então, podemos dizer que, os saberes desenvolvidos na prática devem ser amplamente discutidos nos cursos de formação dos profissionais enfermeiros, para que estes profissionais possam atender as diversas situações de troca de conhecimento.

## **Dilema ético da realidade do docente na condução do estágio supervisionado em enfermagem**

A maioria dos docentes se depara com a discordância entre os processos de trabalho empregados pelos profissionais das instituições e a orientação recebida na academia. Tal situação se apresenta como a principal fonte geradora do dilema ético, pois qualquer postura adotada pelo docente traz consequências e requer ponderação (SILVA e SÁ, 2009).

Os principais comportamentos inadequados dos profissionais do campo de estágio são as atitudes desumanas e desrespeitosas com os pacientes, familiares, colegas de trabalho e animosidade com os alunos. Embora a filosofia que ampara o exercício da enfermagem recomende especial atenção para a humanização da assistência ao paciente, os docentes encontram no campo prático atitudes totalmente opostas a este preceito. A falta de respeito pelos colegas, pacientes, familiares e outros profissionais colocam em pauta os princípios que deveriam nortear o profissional de enfermagem e que foram claramente feridos (WALDOW, 2001).

Assim, de acordo com Waldow (2001), o docente lida com interesses diversos, o aluno, a instituição de ensino e o campo de estágio, e, para harmonizá-los, muitas vezes se vê obrigado a tomar ou não atitudes que contrariam sua ética pessoal. Contudo, o docente e o aluno devem respeitar os princípios pessoais e agir de maneira correta e justa com os pacientes e profissionais.

## **As competências profissionais e gerenciais do profissional enfermeiro**

O objeto de trabalho da enfermagem é o cuidado, entendido como conjunto de ações de acompanhamento do usuário e grupos sociais na promoção de saúde, prevenção, intervenção em quadros de adoecimento e reabilitação, considerados os processos vitais específicos, agravos à saúde ou situações de doença. Tal cuidado deve ser passível de planejamento e gerência por parte do enfermeiro, a quem cabe delegar tarefas à equipe de enfermagem. Segundo Ferraz (2000), o enfermeiro na área hospitalar se detém às funções administrativas, limitando-se ao gerenciamento das unidades com a lógica do gerenciamento científico, com ênfase no controle das atividades. Em consonância, Rossi (2003) propõe que o enfermeiro gerencie o cuidado, planejando, delegando ou fazendo, por meio da previsão e provisão de recursos, a capacitação da equipe, a educação em saúde, a interação com outros profissionais e o uso adequado dos espaços para articular e negociar melhorias do cuidado.

A visualização da Enfermagem enquanto prática social requer o posicionamento dos enfermeiros como agentes políticos e, não apenas como agentes técnicos desprovidos de caráter questionador, de apreensão concreta da realidade e da compreensão própria de seu papel como transformador da sociedade.

## **Percepção do aluno de enfermagem na formação de competências gerenciais**

Os cursos de graduação em enfermagem devem contemplar a preparação dos acadêmicos para a função gerencial e assistencial do enfermeiro, muito presentes e evidentes no cotidiano do trabalho da enfermagem e dos enfermeiros (PERES e CIAMPONE, 2006). A percepção dos estudantes sobre a função gerencial do enfermeiro pode ser um mecanismo importante para a avaliação do ensino de administração e sua melhoria, obviamente sem desconsiderar os de-



mais mecanismos de avaliação (MONTEZELI e PERES, 2009).

Ainda, conforme os autores, é importante destacar que a percepção dos alunos sobre a função gerencial dos enfermeiros parece estar mais atrelada ao que eles observam na prática de seus preceptores (enfermeiros que acompanham os estudantes no ES) do que na própria compreensão que têm dessa função. Para o estudante, a função gerencial pode ser considerada como gerência do cuidado.

Devemos observar que esses aspectos operacionais se voltam mais para a dimensão burocrática e de controle dos espaços e das pessoas, assim como, para a organização do ambiente, fazendo com que o trabalho de todos seja efetuado e que “o serviço funcione”. Assim, podemos dizer que para os formandos de enfermagem, a função gerencial do enfermeiro volta-se fortemente para atender as exigências dos serviços de saúde.

## OBJETIVO DO ESTUDO

O estudo teve como objetivo geral identificar se os acadêmicos de enfermagem do ES II da UFSM-RS reconhecem a integração dos conteúdos teóricos com as práticas profissionais no campo de estágio. Os objetivos específicos foram investigar as possíveis dificuldades relacionadas ao processo de formação profissional enfrentadas no ES II do curso de graduação em enfermagem da UFSM - RS e verificar como esses acadêmicos percebem, na prática educativa, a aprendizagem das competências gerenciais necessárias à sua formação.

## METODOLOGIA

Tratou-se de pesquisa de campo, descritiva, com abordagem qualitativa. Cunha (1996), da pesquisa de campo é aquela que procura estudar os fenômenos e seus atores dentro do contexto social e histórico em que acontecem e vivem. A abordagem qualitativa se aplica no estudo da história, das relações, representações, percepções, opiniões, de como os humanos vivem, sentem e pensam. Esse tipo de abordagem entende o indivíduo como ser único, com seus valores e significados (MINAYO, 2007).

A coleta de dados foi obtida através de entrevistas semiestruturadas e preenchimento de uma ficha de dados sociodemográficos dos estudantes do 8º semestre do curso de enfermagem da UFSM-RS.

O critério de seleção dos colaboradores que aceitaram participar da pesquisa foi ser estudante do 8º semestre do curso de graduação em enfermagem da UFSM-RS, matriculados e cursando o ES II.

Os dados foram analisados conforme a análise de conteúdo proposta por Bardin (2009) e Minayo (2007), opção feita pela possibilidade de agrupar, sistematizar e explicitar elementos que respondessem as questões de pesquisa. Para os autores, a análise de conteúdo é uma forma de categorização de dados verbais ou comportamentais que requerem raciocínio e criatividade do pesquisador.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, com o objetivo de identificar e

selecionar elementos pertinentes e representativos para o estudo.

Após a leitura dos materiais, foram elaboradas as unidades de análise. Logo em seguida, as unidades de análise foram agrupadas, resultando em três categorias descritas nos resultados.

## RESULTADOS

### Categorias iniciais

#### O estágio administrativo em enfermagem

Os estagiários relataram a importância da gerência para entender a rotina do serviço da unidade de estágio, a carência de informações e o sentimento de falta de preparo para exercer as atividades do estágio, já que as orientações sobre as funções administrativas se apresentam diluídas, como ficou evidente no trecho da entrevista abaixo:

(...) a gente tem muito pouco sobre gerenciamento e não tem quase nada sobre administração. (...) não sabe o que tem para fazer, gerenciar. Eu acho que falta (...) chegar alguém e te mostrar os caminhos que existem ali dentro, o que pode ser feito (...) tu chega e não tem noção do que vai gerenciar. (Entrevista 1)

#### Aprendendo as funções de enfermeiro

Eu acompanho o enfermeiro nas atividades dele, (...) faço o procedimento de enfermagem (...) mas sempre com a supervisão do enfermeiro. (Entrevista 5)

Os entrevistados citaram as dificuldades de compreender a unidade de estágio como um todo, as práticas e técnicas desenvolvidas na rotina hospitalar e o desenvolvimento do aprendizado do serviço até as práticas assistenciais.

#### A atuação administrativa desempenhada pelo estagiário

As falas remeteram mais para as ações relacionadas ao cuidado do paciente, no entanto os participantes reconheceram que a função administrativa vai além do cuidado e deve garantir o desenvolvimento das atividades básicas, tal como na entrevista 1.

(...) acho muito pouco, elas correspondem porque o enfermeiro, para o gerenciamento ele tem que vir para a inspeção, (...) qual a rotina (...) quais as funções (...) a gente tem pouco isso no estágio. (Entrevista 1)

#### A relação teoria-prática no estágio supervisionado II

Quanto a relação teoria-prática os acadêmicos disseram ter muita dificuldade, como se vê na Entrevista 2, mas estavam cientes que precisam ter capacidade de agregar a prática aos conteúdos teóricos, e que cabe a eles transformar o que antes era teoria fundamentada na literatura em algo prático, levando em conta o contexto em que a prática está inserida.

(...) a teoria é bom porque tu vê na prática, tem uma noção como funciona, tem uma ideia como é a técnica, só que é muito diferente a prática da teoria. (...) a diferença é que tu aprende (...) cada lugar tem sua rotina de se fazer as coisas e nem sempre é como tu aprende, tu vai querer usar na prática. (Entrevista 2)

## Categorias intermediárias

### O serviço de enfermagem e suas funções

(...) Agora eu estou realizando mais atividades do enfermeiro mesmo, porque de início eu fazia de tudo um pouco, desde banho de leito, curativo, tudo. (Entrevista 6)

Nas entrevistas foram relatadas as distintas fases que envolvem o estágio. Inicialmente fazem todas as atividades que lhes são apresentadas e posteriormente desempenham algumas funções mais complexas.

### As funções gerenciais do enfermeiro

Na visão dos estagiários a gerência parece distante do ideal, sentem-se despreparados e com dificuldade de visualizar todo o serviço a ser desempenhado.

Eu acho que no estágio, a gente não tem a função do enfermeiro, que é o gerenciamento né? Porque a gente não consegue enxergar a unidade como um todo, a gente ainda tem muita pressa com os procedimentos e coisas que estamos aprendendo a fazer, então a gente acaba que não dá muita atenção para o gerenciamento. (Entrevista 10)

Ainda, sentem falta do acompanhamento do professor da disciplina no processo ensino-aprendizagem durante o estágio, além do enfermeiro da unidade.

### O cuidado humanizado x a enfermagem tecnicista

Percebeu-se a importância da realização dos procedimentos técnicos que valorizam os conteúdos teóricos, ficando em segundo plano a prática assistencial mais humanizada, como demonstrado a seguir.

(...) nos procedimentos técnicos, a gente vê, é bem importante toda essa carga do teórico, mas a parte de saúde pública, humanização, assim, a gente vê pouco no estágio. (Entrevista 8)

## Categorias finais

### Vivências das práticas em administração dos serviços de enfermagem

Os acadêmicos consideram o tempo de estágio curto, o que dificulta estabelecer um vínculo com a equipe e, novamente, falam da necessidade de mais informação.

É pouco tempo, né? Tu não consegue ter um vínculo com a equipe, outra coisa que tu não consegue é ver onde ficam os materiais, a organização das coisas, quando tu começa a visualizar, termina o estágio, tu não consegue atender realmente o que precisa. (Entrevista 7)

### Práticas acadêmicas desenvolvidas em estágio

A maior parte das atividades estão relacionadas aos procedimentos técnicos, dificultando a aproximação da teoria com a prática, perpetuando um trabalho mecânico. Como na Entrevista 1, em que o estagiário relatou que "(...) as atividades no estágio são procedimentos de enfermagem, (...) procedimentos técnicos, instalação de soro, banho de leito (...)".

O trabalho burocrático, quando solicitado, não exige criatividade, exemplo disso é o preenchimento de planilhas.

(...) acompanho a busca ativa das infecções hospitalares (...) tem que fazer coleta, daí eu acompanho, digito as infecções em planilhas (...) acompanho o diagnóstico das infecções hospitalares, (...) e também o boletim diário das infecções. (Entrevista 4)

## A supervisão no âmbito hospitalar

Os acadêmicos relataram que se sentem desamparados no estágio quando precisam superar dúvidas. Muitos apresentam inseguranças nesse momento, que é de transformação no modo de pensar e agir.

(...) Falta esclarecimento sobre o que é e o que não é a tarefa, o que a gente deve e o que não deve fazer, e também, às vezes, a gente se vê um pouco sozinho, assim, no estágio né, fazendo procedimento sozinho, tem que falar com o paciente sozinho. (Entrevista 2)

(...) Minha dificuldade maior, primeiro, foi a de encontrar os materiais, e o segundo o foi o que me realmente, me competia fazer, eu não tinha orientação, eu tive uma enfermeira (...) me recepcionou muito bem, só que ela me explicou a primeira vez, mas a segunda a gente tem de fazer sozinho, daí encontrei dificuldades. (Entrevista 3)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da formação profissional, conforme nos lembra Noal (2008), tem sido amplamente discutida no meio acadêmico, porém, ainda é necessário ampliar esse debate a fim de despertar, nos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, a reestruturação necessária das práticas e estratégias de ensino para que caminhos alternativos e facilitadores desse processo sejam construídos, aproximando a teoria da prática, amparando o acadêmico, humanizando o serviço de enfermagem, ampliando a visão das funções de gerência e das atividades administrativas, formando assim profissionais éticos, críticos, reflexivos e humanistas, com as habilidades necessárias para o exercício da enfermagem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, J.S.Y. O Saber da Enfermagem e sua Dimensão Prática. São Paulo: Cortez, 1986.

ANDRADE A.C. A enfermagem não é mais uma profissão submissa. Revista Brasileira de Enfermagem, 2007.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 07 de novembro de 2001. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 22 de outubro de 2013.

BRASIL. Lei 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília: Ministério da Saúde; 1986. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.htm>>. Acesso em: 26 de julho de 2013.

COLLISELLI, L., et. al. Estágio curricular supervisionado: diversificando cenários e fortalecendo a interação ensino-serviço. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2009, Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672009000600023&Ing=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000600023&Ing=pt)>. Acesso em: 28 de junho de 2013.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN 299/2005. Dispõe sobre indicativos para a realização de estágio curricular supervisionado de estudantes de enfermagem de graduação e de nível técnico da educação profissional. Rio de Janeiro: COFEN; 2005.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 25 de março de 2012.

COSTA, L. M; GERMANO, R. M. Estágio curricular supervisionado na graduação em enfermagem: revisitando a história. *Revista Brasileira de Enfermagem*; 60 (6), 2007.

CUNHA, M.I. A aula universitária: inovações e pesquisa. In: 8º Encontro Nacional de didática e prática do ensino. 1996, Florianópolis. Anais. [s.n.], 1996. p. 357-362.

FERNANDES, J.D. *et al.* Diretrizes curriculares e estratégias para implantação de uma nova proposta pedagógica. *Revista da Escola de Enfermagem: USP*, 39 (4), p. 443-9, 2005.

FERRAZ, C.A. As dimensões do cuidado em enfermagem: enfoque organizacional. *Acta Paulista de Enfermagem*: São Paulo, 2000, 13 (n.esp.), p. 91-7.

LOPES NETO, D. et. al. Um olhar sobre as avaliações de Cursos de Graduação em Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília, 61(1), 2008.

MANCIA, J.R.; CABRAL, L.C.; KOERICH, M.S.; Educação Permanente no contexto da enfermagem e na saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem* 57(5), Out 2004, p. 605-10. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672004000500018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500018)>. Acesso em: 26 de junho de 2013.

MEDEIROS R.M., STÉDILE N.L.R., CLAUS S.M. Construções de Competências em Enfermagem. Caxias do Sul: EDUCS; 2001.

MERHY, E. E; CAMPOS, W. S; CECILIO, L. C. O. Inventando mudança na saúde. 3º edição. Editora Hucitec. São Paulo, 2006.

MINAYO, M.C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Hucitec. Abrasco, 2007.

MONTEZELI J.H.; PERES, A.M. Competência gerencial do enfermeiro: conhecimento publicado em periódicos brasileiros. *Cogitare enfermagem* 14(3), 2009, p: 553-8.

NOAL, H. C. Bolsa de assistência ao estudante de graduação em enfermagem como atividade de aprendizagem em hospital universitário. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, RS, 2008.

NUNES, M.F.; PEREIRA, M.F.; ALVES, R.T.; LELE, C.R. A proposta da Educação Permanente em Saúde na formação de cirurgiões-dentistas em DST/HIV/Aids. *Interface (Botucatu)* 12(25), Jun2008, p: 413-420. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_)

arttext&pid=S1414-32832008000200015>. Acesso em: 26 de junho de 2013.

PERES, A.M.; CIAMPONE M.H.T. Gerência e competências gerais do enfermeiro. *Texto & Contexto Enferm.*, 15(3) 2006, Set. 2013, p: 492-499 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000300015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000300015&script=sci_arttext)>. Acesso em: 26 de junho de 2013.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2008.

REIBNITZ, K.S.; PRADO, N.L. Inovação e Educação em Enfermagem. Florianópolis: Cidade Futura; 2006.

RODRIGUES, R.M.; ZANETTI, M.L. Teoria e prática assistencial na enfermagem: o ensino e o mercado de trabalho. *Rev. Lat. Am. Enf.*, v. 8, n. 6, Ribeirão Preto, dezembro 2000, p. 102-109.

ROSSI, F.R. Tecnologias leves nos processos gerenciais do enfermeiro: contribuição para o cuidado humanizado. [dissertação]. Porto Alegre: Escola de Enfermagem da UFRGS, 2003.

RUTHES, R.M. Contribuições para o conhecimento em gerenciamento de enfermagem sobre gestão por competência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 28(4), Porto Alegre (RS), dez 2007, p: 570-5.

SAMPAIO, F.C. A formação do enfermeiro na visão dos acadêmicos de enfermagem: ultrapassando fronteiras entre saberes teóricos e práticos. Dissertação de Mestrado do Programa de Mestrado em Gestão Social do Centro Universitário UMA, 2011.

SANTOS, A.S.; MIRANDA, S.M.R.C. A enfermagem na gestão em atenção primária. Barueri: Manole, 2007.

SANTOS, I.; CASTRO, C.B. Características pessoais e profissionais de enfermeiros com funções administrativas atuantes em um hospital universitário. *Rev. Esc. Enferm*, 44(1). USP, mar 2010, p: 154-160. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342010000100022](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100022)>. Acesso em: 26 de junho de 2013.

SCHWARTZMAN, S. O futuro da Educação Superior no Brasil. In: PAIVA, V.; WARDE, M. J. (Org.). *Dilemas do ensino superior na América Latina*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SCHÖN, D.A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, E.C.; SÁ, A.C. Dilema ético do docente de graduação em enfermagem na condução do estágio supervisionado. *Bioéthikos*. Centro Universitário São Camilo: 2009; 3(1): 52-58.

VIANNA, H. M. Fundamentos de um Programa de Avaliação Educacional. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ZARIFIAN, P. *Objetivo Competência: por uma nova lógica*. 1ª. ed. São Paulo: Atlas; 2001.

ZARPELLON, L.D. A relação teoria e prática no processo de formação do enfermeiro. *Educare*, 2006.

ZORZI, et. al. Cap. 4: Investigando a realidade dos estudantes. In: ULBRA (org.) *Metodologia de ensino em Ciências Sociais*. Curitiba: Ibpex, 2008.

WALDOW, V. *Cuidado Humano - O Resgate Necessário*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.